



A DIMENSÃO DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

THE DIMENSION OF AFFECTIVENESS IN PROFESSOR/ STUDENT RELATIONSHIP

Silvana Lovera Silva **1**

Resumo: Este artigo pretende discutir alguns aspectos importantes ligados a afetividade como um fator importante no relacionamento entre professor e aluno e o ambiente de aprendizagem caracterizado pela responsabilidade de uma docência envolvendo o professor em sua totalidade. Nossa discussão volta-se para o Ensino Superior como uma instância onde a empatia, a confiança e a afetividade entre professor e aluno também é um processo fundamental.

Palavras-chave: Ensino Superior, Afetividade, Docência.

Abstract: This article discusses some important aspects related to affective as an important factor in the relationship between teacher and student and learning environment characterized by the responsibility of teaching involving the teacher in its entirety. Our discussion turns to higher education as an instance where empathy, trust and affection between teacher and student is also a fundamental process.

Keywords: Higher education, Affection, Teaching.

Possui Graduação em Letras, Licenciatura Plena em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas (1993) (Fecivel/Cascavel/PR-Unioeste). Mestrado em Letras /Teoria Literária e Literatura Comparada (2000) (Unesp/Assis/SP). Especialista em Docência no Ensino Superior (2007) (Univel/Cascavel/PR). Professora da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) no Curso de Letras (UAB), Curso de Direito.
E-mail: silvanalo@hotmail.com

Introdução

Na antiguidade a produção de conhecimento tinha uma concepção diferente, era realizada entre os indivíduos de forma bastante natural e informal. Segundo Rossini (2003, p35), os indivíduos se encontravam em diversas situações, conversavam, discutiam, trocavam experiências, e com isso automaticamente ensinavam uns aos outros aquilo que sabiam compartilhavam através de suas experiências cotidianas e significativas, sempre procurando novos conhecimentos e experimentos para dar respostas as suas necessidades da época.

A sociedade foi se modificando, a complexidade das transformações sociais, econômicas, culturais e principalmente por causa da velocidade com que os conhecimentos e as informações ganharam dimensões diversas alterando a realidade da educação em todos os âmbitos do processo de ensino-aprendizagem.

Com o avanço da globalização, exigiu-se uma nova forma de socialização entre as pessoas. "O mundo globalizado exige uma socialização cada vez mais intensa do ser humano, que deve ser cada vez mais bem equipado intelectualmente e preparado emocionalmente para conviver em harmonia com seu grupo social" (ROSSINI, 2003, p. 8).

Com o mundo da globalização as relações sociais se ampliaram exigindo das pessoas uma maior aproximação, promovendo uma interação no cotidiano.

Diante dessas mudanças sociais de forma cada vez mais acelerada a educação deve realizar uma leitura dessa realidade para que possa preparar seus educandos para os desafios que estão postos frente a valores éticos, morais e espirituais, pois a escola não pode andar na contramão dessa nova realidade social que a humanidade vive no mundo de hoje.

Encontramos na literatura a utilização de vários termos quanto à conceituação dos fenômenos afetivos como as categorias afeto, emoção e sentimentos. Cada um tem seu significado dentro do comportamento humano.

Engelmann (1978) ao realizar uma revisão terminológica em relação às variações semânticas, ao longo do tempo, das palavras, emoções, sentimentos, estados de ânimo, paixão, afeto e estudos afetivos, em diversos idiomas (francês, inglês, alemão, italiano e português), esperava conseguir clarear e precisar as peculiaridades de significado de cada termo que, às vezes, são usados como sinônimos. Tinha a intenção de corrigir o caráter vago e a inadequação de uso, em muitos casos.

A afetividade seria uma das primeiras manifestações afetivas do ser humano, suas características no decorrer de seu desenvolvimento, bem como suas relações sociais, desempenhando um papel fundamental da construção do conhecimento vinculado aos interesses e necessidades individuais.

Meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (WALLON, 1968, p.262).

Contudo a afetividade envolve uma concepção mais ampla, envolvendo várias manifestações como sentimento e emoções. É com o aparecimento desde sentimento afetividade que ocorre às transformações das emoções.

A Afetividade entre Professor e Aluno

Considerando que a afetividade na relação professor e aluno ocorrem em decorrência de interações sucessivas, são a partir dessas relações que ambos adquirem novas formas de pensar e agir e, dessa forma constrói-se novos conhecimentos.

Dentro dessa concepção trabalhada pelos autores já citados percebe-se que a afetividade faz parte de todo o indivíduo como uma fonte geradora de energia e força que nos acompanha desde o nascimento até a morte.

O adulto que constrói uma boa relação afetiva consegue adquirir segurança e equilíbrio com

maior equilíbrio, passando a ter interesse pela realidade e com isso passa a realizar com maior habilidade uma leitura do contexto que está inserido apresentando uma melhor compreensão e um melhor desenvolvimento intelectual.

Existe uma ligação complementar entre o desenvolvimento afetivo e o intelectual, sendo que a área intelectual apresenta as formas de cada etapa da afetividade, controla a atividade pessoal na esfera das ações, da vontade, da memória, de pensamento, na instintiva complementando o equilíbrio e harmonia da personalidade.

Diante dessa dinâmica Vygotski (1994) trabalha numa visão voltada essencialmente para a importância das interações sociais, trazendo a ideia que a aprendizagem ocorre a partir da intensa relação social entre os indivíduos. Portanto, o autor trabalha destacando a importância do outro tanto no processo de construção de conhecimento quanto na constituição do próprio sujeito e de sua maneira de pensar e agir com o meio social.

Na verdade, são as experiências vivenciadas com outras pessoas é que irão marcar e conferir seus objetos afetivo, determinando, dessa forma, a qualidade do objeto internalizado. Nesse sentido, pode-se supor que, no processo de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos (TASSONI, 2005, p. 02).

No âmbito familiar temos caracterizados os primeiros vínculos afetivos que se inicia entre os indivíduos. É a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos primeiros anos de vida, que primeiramente envolve a relação pai-mãe-filho. Portanto, esse vínculo afetivo entre a criança e o adulto estabelece a sustentação à etapa inicial do processo ensino aprendizagem.

No decorrer, do desenvolvimento, os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar. Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar (FERNÁNDEZ, 1991, pp. 47-52).

Todo o processo de ensino aprendizagem está impregnado de afetividade, considerando as interações sociais neste contexto, especificamente, na relação entre alunos, professores, conteúdo escolar. Portanto, existe uma base afetiva embasando essas relações, conforme assevera Tassoni (2005, p03)

As experiências vividas em sala de aula ocorrem inicialmente, entre os indivíduos envolvidos, no plano externo (interpessoal). Através da mediação, elas vão se internalizando (intrapessoal), ganham autonomia e passam a fazer parte da história individual. Essas experiências também são afetivas. Os indivíduos internalizam as experiências afetivas com relação a um objeto específico

As relações sociais fazem parte do cotidiano, são engrenagens fundamentais no desenvolvimento pessoal e profissional de um indivíduo. Portanto, a análise da afetividade na relação professor-aluno envolve interesse e interações, pois a educação é uma das peças mais importante e fundamental que agrega valores na vida humana. Segundo Gadotti (1999, p. 02):

[...] o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida.

Nesta relação o professor deve ultrapassar os limites somente do conhecimento do conteúdo/informações, e preocupar-se com o processo de construção da cidadania do aluno. Portanto, para que isso aconteça, é necessária à sensibilização e comprometimento do professor de que seu papel é de facilitador de aprendizagem, procurando compreender, numa relação de afetividade, os sentimentos, a história da vida dos seus alunos e tentar promover à autonomia social.

A relação professor e aluno em sala de aula é expressa pela relação que o professor tem com a sociedade e com cultura. Abreu; Masetto (1990 p. 115) afirmam que

...é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade.

Considerando a importância da relação de afetividade, empatia, confiança e respeito entre a relação professores e alunos em sala de aula no Ensino Superior que se desenvolva o processo de ensino aprendizagem Siqueira (2005 p. 01) afirma que os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor. Assim, situações diferenciadas adotadas com um determinado aluno (como melhorar a nota deste, para que ele não fique de recuperação), apenas norteados pelo fator amizade ou empatia, não deveriam fazer parte das atitudes de um “formador de opiniões”.

Sobretudo, a afetividade na relação entre professor e aluno depende, especificamente, do ambiente estabelecido pelo professor, da relação de aceitação/empatia com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, interagir e discutir. Essa relação se complementa entre o conhecimento do professor e do aluno.

Porque a afetividade é a base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale qualquer área da atividade humana, independentemente de idade, sexo, cultura (ROSSINI, 2001, p. 16).

O professor deve estar aberto às mudanças diante das transformações sociais, econômica, cultural, educacionais, buscando educar para a autonomia, para a liberdade, enfocando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de suas obrigações e de suas responsabilidades sociais.

Os postulados de Vygotsky parecem apontar para a necessidade de criação de uma escola bem diferente da que conhecemos. Uma escola em que as pessoas possam dialogar, duvidar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde há espaço para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade. Uma escola em que os professores e alunos tenham autonomia, possam pensar, refletir sobre seu próprio processo de construção de conhecimento e ter acesso a novas informações.

A afetividade na relação professor e aluno vem se alterando e, segundo Borges (1995, p.02), os professores deverão valorizar mais os alunos, ou seja, o professor deverá assistir o aluno além do conteúdo que deve aplicar. É importante considerar que esse processo não significa que o professor abandonará seus conteúdos, pois somente aqueles professores que adquirem habilidades e competências de seu conhecimento sobre seus conteúdos é que são capazes de se libertarem dos mesmos, para efetivamente, voltar-se um olhar para as necessidades de seus alunos.

Assim, o professor deverá valorizar seu aluno incentivando que o mesmo avance em seu processo de ensino aprendizagem, onde o aluno possa construir e reconstruir, elaborar e reelaborar seu conhecimento considerando a sua habilidade e seu ritmo e, nesta dinâmica, a afetividade poderá ampliar e implementar o processo educativo nesta relação professor e aluno.

Segundo Borges (1995, p. 03) deve-se considerar os procedimentos metodológicos voltado a atingir a aprendizagem dos alunos, encontrando uma aproximação entre o processo cognitivo e emocional, bem como conhecer e observar a história de vida do educando, buscando,

principalmente nos conceitos de afetividade, uma abertura para a cidadania. Isso levará o professor a uma dinâmica maior na produção do conhecimento e não apenas como transmissor deste.

O professor usando a afetividade poderá gerar e gerenciar uma grande quantidade de informação e conhecimento, trabalhando nesta dinâmica vai conseguir atingir um resultado maior dentro da produção de conhecimento. Ainda conforme Abreu; Masetto(1990, p.115)

...é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos. O modo de agir do professor em sala de aula fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade

A relação de afetividade entre professor e aluno deve se dar num ambiente (clima) que facilite ao aluno adquirir os conhecimentos. Para facilitar o aprendizado do aluno, os professores segundo os mesmos autores, devem adquirir, desenvolver algumas habilidades que são: “autenticidade”, “apeço ao aprendiz” e “compreensão empática”.

Para Abreu; Masetto (1990, p. 120) esta relação entre professor e aluno

1. Favorece situações em classe nas quais o aluno se sente à vontade para expressar seus sentimentos.
2. Faz com que a composição dos grupos de estudo varie no decorrer do curso.
3. Tenta evitar que poucos alunos monopolizem a discussão.
4. Compartilha com a classe na busca de soluções para problemas surgidos com o próprio professor, como o curso ou entre alunos.
5. Expressa aprovação pelo aluno que ajuda colegas a atingirem os objetivos do curso.
6. Respeita e faz respeitar diferenças de opinião, desde que sejam opiniões bem fundamentadas.
7. Expressa aprovação pelo aluno que toma iniciativa, desde que estas contribuam para o crescimento da classe.
8. Usa vocabulário que é claramente compreendido pelo aluno.

A análise na relação de afetividade entre professor e aluno, indica que neste contexto, fundamentalmente depende, do clima que o professor estabelece, da relação de empatia do professor frente os seus alunos e, contudo, a disposição do ambiente interativo, desafiador e inovador que busca modificar o processo do ensino aprendizagem neste contexto de sala de aula.

Portanto, o professor do século XXI é aquele que ensina o aluno a aprender e a ensinar a oitrem o que aprendeu e essa relação deve se dar numa dinâmica de afetividade onde o professor promove o acesso a informação para que o aluno possa a caminhar com liberdade de expressão e, conseqüentemente esse momento que irá se consolidar o aprender-ensinar-aprender.

A Afetividade em Sala de Aula

Atualmente o professor precisa desenvolver habilidades que possibilitem uma melhor adaptação às novas culturas e aos novos padrões de conduta social. Além disso, o acelerado processo de globalização em que se encontra o mundo insere o homem em um ambiente de alta competitividade e seletividade. Nesse contexto, a relação professor-aluno representa um esforço a mais na busca da praticidade, afetividade e eficiência no preparo do educando para a vida, numa redefinição do processo ensino aprendizagem.

Deste modo cada professor deve ter bem definido o seu papel nesse contexto social, onde a relação professor-aluno passa a ser alvo de pesquisas, na busca do diálogo, do livre debate de ideias, da interação social e da redução da importância do trabalho individualizado. A relação professor-

aluno ultrapassa os limites profissionais, escolares, de bimestres e de ano letivo. Na verdade, é uma relação que deixa marcas, e que deve sempre buscar a afetividade e o diálogo como forma de construção do espaço escolar.

Ser professor não é tarefa fácil, requer amor e habilidade, pois professor não é aquele que simplesmente transmite o conhecimento. De acordo com Paulo Freire (1996, p. 47), "... ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção". Portanto ser professor é criar possibilidades.

Segundo Içami Tiba, (1998. p.105) mostra que o relacionamento professor-aluno melhora muito quando o aluno inverte o papel com o professor. É uma maneira de o aluno sentir-se com o poder daquele que fala que explica. Além do mais, é supereducativo, pois o aluno passa a respeitar o professor. Alguns professores sentem que seu relacionamento com os alunos determina o clima emocional da sala de aula. Esse clima poderá ser positivo, de apoio ao aluno, quando o relacionamento é afetuoso, cordial. Neste caso, o aluno sente segurança, não teme a crítica e a censura do professor. Ao realizar uma prova ou apresentar um trabalho o aluno se sente mais confiante.

Na relação ensino-aprendizagem em sala de aula a afetividade vem a ser um fator relevante de interação do docente, pessoa e profissional com a pessoa do aluno em sala de aula. Para Grillo (2004, p.79-80), nenhum professor é professor isoladamente, mas sempre num encontro com a individualidade de cada aluno, a qual constrói a heterogeneidade de um grupo. Toda essa heterogeneidade torna mais contingente a dimensão pessoal e se expressa de forma mais concreta na relação professor-aluno acentuando a responsabilidade do professor e a conduta da afetividade aliada ao compromisso de auxiliar na construção do conhecimento do aluno. Gauthier (1998) ao abordar o relacionamento entre professor e aluno ressalta a importância de que nesta relação fique bem clara a razão primeira da presença de aluno e professor na sala de aula: que é a prática educativa, traduzida em ensino e em aprendizagens cognitivas e afetivas, estimulando-se ao mesmo tempo, uma formação que possibilite ao aluno "aprender a conhecer aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser".

Desta forma a afetividade como um fator importante no relacionamento entre professor e aluno e o ambiente de aprendizagem caracteriza que a docência envolve o professor em sua totalidade. Sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso comigo mesmo, com a sociedade e sua transformação.

Buscar uma resposta pronta para a afetividade no relacionamento entre professor e aluno seria ilusório e inútil, pois as situações de sala de aula reúnem tantas especificidades como ensino, aprendizagem, relacionamentos interpessoais resultando num interjogo de afetividade, valores, diferenças, o que exige "também muito de sensibilidade e intuição do professor para fazer a leitura precisa do que está ocorrendo no momento exato". Assim na relação professor-aluno a afetividade pode ser destacada como um fator que contribuirá para a riqueza da intenção levando ao respeito às diferenças no que tange a conhecimento prévio, tempo de cada aluno, área de formação, oportunidades para o exercício do crítico.

Gadotti (1989, p.11) aponta para as expectativas dos alunos que vão além das técnicas e dos conteúdos a serem passados, mas existe uma busca maior pelo afeto a ternura e o acolhimento. Ainda que não saiba ou que não revele, o aluno sente prazer numa prática que articula processos cognitivos e processos vitais, pois no dizer de Assmann, se aprende não só com o cérebro, mas com o coração. Não se tem a pretensão de colocar em segundo plano um conteúdo organizado e necessário ao aluno, mas de incluir no ensino acadêmico novas categorias como as que ele cita Gadotti (1989, p.11) "o cotidiano, a fala, o entorno, a singularidade, o vivido (...), a reinvenção da utopia, da paixão, da escuta e até das lágrimas" estes aspectos englobam a afetividade.

Trabalhar a afetividade proporciona ao aluno perceber valores como: liberdade, honestidade, fidelidade, responsabilidade, autonomia pessoal, compreensão, amizade, criatividade, crítica construtiva, alguns de tantos aspectos fundamentais para o ensino-aprendizagem em sala de aula.

Para Masdevall (2003, p.44), educar, etimologicamente, vem de dirigir e para dirigir deve-se exercer uma ação de condução, para o que é necessária uma disciplina, que por sua vez não deve ser entendida apenas no sentido de normas impostas, mas sim com o objetivo claro de ajudar os alunos a serem mais livres. Neste aspecto afetividade pode ser um fator importante no

cumprimento dessa tarefa.

Considerações Finais

Espera-se que com este trabalho alguns esclarecimentos tenham sido feitos, principalmente em relação a grande importância da Afetividade como fator libertador na relação entre professor e aluno no Ensino Superior.

A Afetividade deve ser vista como um fator fundamental na aprendizagem e no estabelecimento de elos sociais sólidos e maduros, não unicamente para o ensino básico, fundamental e médio, mas de muita relevância e urgência no Ensino Superior.

Os estudos e pesquisas mostraram que estamos no caminho correto e que o Ensino Superior também carece de um aprimoramento no relacionamento entre professor e aluno na forma de uma Afetividade que liberta e que produz cidadãos mais responsáveis e maduros nos relacionamentos sociais e basicamente em toda a sua construção e solidificação da personalidade. Temos assim, um processo ensino-aprendizagem que conduz um professor mediador das relações sociais, como peça importante para a empatia com a disciplina em sua relação madura com o aluno, fazendo com que o conhecimento seja partilhado construindo conteúdos mais práticos e vivenciais, aliando a qualidade ao gosto pela disciplina e ao respeito pelo entre o professor e o aluno.

Percebemos que a Afetividade faz parte do todo do indivíduo como uma fonte geradora de energia e força que nos acompanha desde o nascimento até a morte. Portanto é também no Ensino Superior, tendo o professor como um aliado e mediador de conteúdos que são repassados através de um relacionamento de afetividade que o aluno, na sua passagem de jovem a vida adulta, terá na construção de uma boa relação afetiva adquirido mais confiança, segurança e equilíbrio, passando a ter interesse pela realidade e com isso a realizar com maior habilidade uma leitura do contexto no qual está inserido apresentando uma melhor compreensão e um melhor desenvolvimento intelectual.

Para tanto, o professor também deve estar com sua maturidade afetiva bem desenvolvida e aliada ao aspecto intelectual, no qual no relacionamento entre professor e aluno, torna-se de suma importância. Pois, conforme os autores citados no decorrer do trabalho, a área intelectual apresenta as formas de cada etapa da afetividade, controlando a atividade pessoal na esfera das ações, da vontade, da memória, do pensamento, na instintiva completando o equilíbrio e a harmonia da personalidade.

Portanto, o processo Ensino-Aprendizagem em sala de aula no Ensino Superior, deve estar impregnado de Afetividade, considerando as interações sociais neste contexto, especificamente, na relação entre alunos, professores e conteúdo.

Referências

ABREU, Maria C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

BORGES, Pedro F. **O professor da década de 90**. Artigo apresentado no simpósio de qualidade total na Universidade Mackenzie, 1995.

ENGELMANN, A. **Os estudos subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais**. São Paulo: Ática, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GADOTTI, Moacir. Prefácio. In: SILVA, Ezequiel. **O professor e o combate a alienação imposta**. São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 1989.

GAUTHIER, Clermont. (Org). **Por uma teoria da pedagogia. Pesquisas contemporâneas sobre o**

saber docente. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

GRILLO, Marlene. **Ser Professor**. 4. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MASDEVALL, M^a. Teresa Gómez. **Propostas de intervenção na sala de aula**. São Paulo: Madras, 2003.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes 2001.

SIQUEIRA, Denise de Cássia Trevisan. **Relação professor-aluno: uma revisão crítica**. Disponível em: <www.conteudoescola.com.br>. Acesso em 15 de março de 2005.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo: Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. São Paulo: Editora Gente, 1998.

VASCONCELLOS. Celso dos S. **Para Onde Vai O Professor? Resgate do Professor como sujeito de Transformação**. São Paulo: Libertad, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Edições 70. Revista Espaço Acadêmico nº. 52, Set/05 Mensal ISSN 1519.6186 ANO V Lisboa 1968.

Recebido em 3 de dezembro de 2018.

Aceito em 22 de fevereiro de 2019.